



## A reconfiguração do espaço urbano pelos espaços relacionais da era virtual em *Medianeras*<sup>1</sup>

Raul Soares Girão<sup>2</sup>  
Alessandra Oliveira Araújo<sup>3</sup>  
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### RESUMO

Gustavo Taretto, em *Medianeras*, faz um convite ao espectador à compreensão da metrópole urbana contemporânea e à análise das inconstâncias que permeiam o cotidiano dos seus habitantes. Adotando a película como cenário e situação do objeto de estudo, obtém-se o desdobramento dos processos de socialização que se desenvolvem em paralelo às novas condições da lógica urbana. Logo, neste artigo visa-se expor a disposição das relações sociais perante a era virtual, colocando em questão a reconfiguração do espaço urbano como um espaço relacional e como forma integrante da nova ordem de organização cidadina, a metrópole comunicacional. Para o estudo dos conceitos citados, serão abordadas teorias propostas por Scott McQuire (2011) e Massimo Canevacci (1993).

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço relacional; espaço urbano; fluxos; metrópole comunicacional.

### Introdução

O longa-metragem argentino *Medianeras*<sup>4</sup>, dirigido por Gustavo Taretto em 2011, é iniciado a partir da construção de duas personagens que aparecem como protagonistas, Martín e Mariana, interpretados, respectivamente, por Javier Drolas e Pilar López de Ayala. Moradores da cidade de Buenos Aires, os dois passam por crises existenciais e acabam buscando conforto na comodidade de seus apartamentos, para, com isso, evitar adentrar a rua. A fim de alcançar o objetivo de se reter no próprio domicílio – espaço já reconhecido em toda a sua dimensão espacial limitada –, usufruem de determinados artifícios que facilitem tal acomodação, sendo a *Internet* o principal deles.

No decorrer da película, outra personagem recebe atenção: Buenos Aires, a representação da cidade na era virtual. Estruturada sob uma arquitetura de desordem, a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, email: raulsoagi@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do curso de Publicidade e Propaganda da Unifor, email: alessandraoliveira@unifor.br.

<sup>4</sup> No Brasil, o filme tem como título *Medianeras: Buenos Aires na Era do Amor Virtual*.



capital da Argentina passa a conduzir as questões abordadas pelo diretor, como a cultura do inquilino, o sedentarismo e as irregularidades estéticas resultantes da falta de planejamento arquitetônico. Posto isso, além de entender as razões que fazem de Buenos Aires não só uma mera personagem, mas a principal do filme, é essencial compreender o decurso das redes de comunicação que são estabelecidas entre a cidade e os seus habitantes, relação essa interpelada, dentre outras coisas, pela arquitetura e/ou pelas novas tecnologias digitais de informação.

Ao colocar em questão os desdobramentos dessas redes de comunicação físicas e virtuais, *Medianeras* permite a análise da reestruturação das relações sociais e do arranjo de fluxos, segundo novas dimensões de velocidade e tempo, que atravessam o espaço urbano das grandes metrópoles. Dessa forma, perceber de que modo esse espaço é afetado e, conseqüentemente, reconfigurado pelos novos processos e práticas comunicacionais da era virtual constitui o objeto de estudo do presente artigo.

Logo, a pesquisa partirá do conceito de metrópole comunicacional proposto por Canevacci (1993), o qual é caracterizado, principalmente, pela multissensorialidade dos seus fluxos, para, em seguida, perceber e descrever os espaços relacionais inseridos nesse contexto. Assim, com o intuito de identificar como os elementos comunicacionais, principalmente as mídias eletrônicas, atuam como mediadoras do processo de construção dos espaços relacionais, será realizada uma análise das cenas do longa-metragem.

## **1 Os fluxos da metrópole comunicacional**

Das sociedades rurais às pós-industriais, o espaço sempre se constituiu, basicamente, como expressão da sociedade (CASTELLS, 1999), assegurando que a lógica de organização social determina os processos espaciais. Taretto, em *Medianeras*, consegue provar que essa circunstância funciona como uma via de mão dupla ao evidenciar uma Buenos Aires tão irregular e instável quanto as pessoas que a habitam. Martín, por exemplo, culpa os arquitetos pela crise de insegurança existencial que os moradores da cidade sofrem.

A era virtual, situada entre dimensões reais e ficcionais (CANEVACCI, 1993), uma vez que insere novas tecnologias digitais nos processos de formação e organização dos espaços, faz com que a cidade moderna se transfigure em metrópole comunicacional.



As novas tecnologias estão tendo um papel decisivo nessa passagem: as representações arquitetônicas, urbanísticas ou das ciências sociais e comunicacionais incorporam e difundem uma multiplicidade sensorial de panoramas (CANEVACCI, 2004, p. 117).

Em *Cidade Polifônica*, durante um discurso acerca do seu método antropológico de comunicação, Canevacci vai afirmar que “tentará escutar e também falar com a Grande Metrópole: tentará observar e ser observado, participar e ser participado” (1997, p.36). Nessas condições, a simultaneidade dos fluxos de informações e pessoas difunde uma abundância de signos, significados e sentidos, tornando a cidade um campo comunicacional turbulento e multissensorial capaz tanto de afetar como de ser afetado pelos seus moradores. Uma vez que “é possível que a atração exercida por algumas zonas da cidade, [...], derive justamente de uma sensação de se estar sendo observado por tais sequenciais urbanas” (CANEVACCI, 1997, p. 24), uma relação se estabelece entre Mariana e o planetário da cidade de Buenos Aires, *Galileo Galilei*, o qual a personagem considera mais que uma simples estrutura de concreto, aço e vidro, além de se sentir pertencente ao lugar.

As construções, das casas aos museus, ao servir a um *mix* de fluxos itinerantes, passam a edificar-se sob complexos midiático-arquitetônicos (MCQUIRE, 2011) e, assim, fundamenta-se um dos pilares da metrópole comunicacional: a ubiquidade da mídia, como explica McQuire:

[...] os dispositivos de mídia se tornaram elementos ubíquos modelando os espaços públicos das cidades contemporâneas, incrustados na infraestrutura urbana em uma ampla variedade de lugares e formas, desde quiosques de informação, grandes écrans públicos, câmeras digitais de vigilância e sistemas de tráfego computadorizados (2008, p. 204).

Dessa forma, essas estruturas midiáticas acabam por inserir a metrópole comunicacional em um contexto no qual “tempos não conseguem encontrar-se porque são trabalhados em diferentes dimensões de um hiperespaço social” (CASTELLS, 1999, p. 452). Na era virtual, as fronteiras temporais de localidade, as quais determinam que o homem não para de recomeçar ao estar apenas em um lugar por vez, sendo obrigado a sair de um para entrar em outro (DELEUZE, 2010), perdem o caráter de imutabilidade e ocasionam a dispersão espacial, é possível estar em vários lugares ao mesmo tempo. Tanto é que em sua própria casa, Martín pode ver, conversar e manter relações sexuais com alguém muito distante dele. Com as tecnologias digitais de comunicação passando



a mediar o contato dos indivíduos entre si e entre a cidade, a velocidade do tempo parece aumentar e a vida cotidiana passa por mutações de forma cada vez mais rápida.

Em meio a esses complexos midiático-arquitetônicos, a mídia, mutável, imediata, instantânea e ubíqua, faz com que a arquitetura da cidade sofra com a lógica efêmera a qual deve obedecer e, em consequência disso, aponta Canevacci:

Perdemos o senso do monumental, do pesado, do estático, e enriquecemos a nossa sensibilidade com o gosto leve, com o prático, com o efêmero e o veloz. Sentimentos que não somos mais os homens das catedrais, dos palácios... mas sim dos grandes hotéis e das estações ferroviárias (1997, p. 69).

Assim, com a abundância de mensagens – advindas da publicidade, da sinalização de trânsito, da arquitetura, das mercadorias etc. – e estímulos tais quais a cidade de fluxos itinerantes impulsiona no habitante, este, inserido na perspectiva efêmera da nova organização citadina, comporta-se como se estivesse sempre “de passagem”. Estar “de passagem” é não se permitir aos caprichos da experiência e afastar-se do desejo de ter a domesticidade perturbada.

Desse modo, a metrópole, não mais um lugar social de permissão e experiência, “[...] um conjunto de pontos de referências espaciais, sociais e históricos [...]” (AUGÉ, 2006), passa a constituir-se como um lugar de passagem, onde o rápido movimento na dimensão virtual do espaço e do tempo torna escasso o relacionamento entre as pessoas e a cidade. Um lugar onde há movimento sem relacionamento. Para Augé:

A relação com os meios de comunicação pode gerar uma forma [...] de solidão, na medida em que os convida à navegação solitária e na qual toda telecomunicação abstrai a relação com o outro, substituindo com o som ou a imagem o corpo a corpo e o cara a cara (2006, p.106).

É nesse cenário que as personagens do filme *Medianeras* são construídas: Martín e Mariana vivem sozinhos, e, segundo uma cultura do inquilino, aparentam estar sempre “de passagem” ao não pertencerem a nenhum local da cidade, nem mesmo aos seus próprios apartamentos.

Mesmo que o caráter efêmero passe a definir as relações sociais e os fluxos constantes e densos permeiem a lógica do espaço urbano, as personagens do filme, por observar a urbe como exploradores, anseiam encontrar algo permanente em meio ao



passageiro. Mariana, por exemplo, apreende a história de dois edifícios, o *Kavanagh*<sup>5</sup>, onde trabalhou como guia de visitas, e o planetário *Galileo Galilei*. Martín, por sua vez, usa a fotografia como meio de olhar para a beleza das minuciosidades da rua. Não obstante, é possível notar que, no filme, essa tarefa se torna difícil, pois, com a ubiquidade da mídia, muitas vezes os próprios sujeitos acabam se inserindo na itinerância dos fluxos.

Enquanto isso, Buenos Aires, a personagem principal, continua transformando e sendo transformada pelos seus habitantes sob as condições de uma metrópole comunicacional, atribuindo ao íterim das relações o intermédio das mídias eletrônicas de comunicação. Finalmente, dessa mediação manifestam-se os espaços relacionais.

## **2 Identificando os espaços relacionais**

Por meio da ubiquidade da mídia, de acordo com as formas inéditas de conexão móvel, o espaço de lugar – que tem a casa como exemplo fundamental – se desestabiliza e engendra novas formas de redimensionamento do espaço. Na era virtual, territórios informacionais aceleram os estímulos multissensoriais e renovam constantemente as redes comunicacionais. Assim, abandonam-se os limites socioespaciais e temporais definidos que determinavam um lugar para o desenvolvimento da somatização de fluxos midiáticos (CANEVACCI, 2004). Desse modo, “nem a casa, nem a rua e nem a cidade agora podem ser pensados à parte dos dispositivos de mídia, que redistribuem a escala e a velocidade da interação social em seu domínio” (MCQUIRE, 2011, p. 205).

Posto isso, na lógica da metrópole comunicacional, percorrida por mutações, turbulências e interações, ancoram-se os espaços relacionais, que põem em questão a descontextualização da localidade e elucidam a experiência social na cidade midiática (MCQUIRE, 2011). O espaço deixa de ser a cristalização do tempo, como relatado por Castells (1999, p. 435), e se transforma em um espaço de transposição que se configura em diversos tempos diferentes e simultâneos.

Essa transposição é caracterizada pelas novas dimensões físicas e virtuais do movimento do homem diante as práticas de socialização e comunicação, pois, com a possibilidade dos relacionamentos virtuais, devido aos caprichos da midiatização, tal

---

<sup>5</sup> Segundo o filme em questão, nos anos 30, o edifício foi a maior estrutura de concreto armado do mundo.

movimento passa a ser instigado pelo fluxo de informações e acaba interconectando os espaços – virtuais e espaço-temporais – de forma que o estabelecimento de fronteiras se torna inadmissível. Portanto, o espaço relacional não começa, nem termina: estende-se.

Vale ressaltar que, caso o espaço relacional por um lado possibilite a ocorrência de múltiplas conexões entre os sujeitos, é possível que o grande fluxo comunicacional intrínseco a esse processo social possa engendrar desconexões, como será possível perceber na análise de algumas cenas de *Medianeras* a seguir.

### 3 *Medianeras*: análise de cenas

A fim de possibilitar uma compreensão eficaz das teorias expostas, a análise de algumas cenas do longa-metragem *Medianeras* como situação dos objetos estudados torna-se necessária.



Figura 1: Cena em que Martín entra em um dispositivo de bate-papo online (4m24s).

Martín, ao se conectar a um dispositivo de bate-papo *online*, insere-se como “superdisponível”. Porém, vale salientar: “superdisponível para quem?”, pois, ao usar a *Internet* como um mediador de uma relação, a sua distância da realidade espaço-temporal se evidencia.

Outro aspecto a ser colocado em pauta é a questão desse excesso de disponibilidade como um incentivo a relacionamentos efêmeros, tão fulgazes quanto os fluxos que interpelam a metrópole comunicacional, uma vez que, no decorrer do filme, em uma situação muito parecida, Martín propõe uma lista pronta de perguntas que podem ser feitas naquele meio, aspecto que caracteriza a relação virtual como uma conexão provida de instataneidade e automatização.





Figura 2: Mariana e o seu livro preferido (18m07s).

Desde os 14 anos, Mariana possui o livro “Onde Está Wally?”, e, desde então, apesar de apresentar êxito ao procurá-lo, por exemplo, no shopping, na praia e no aeroporto, nunca conseguiu encontrá-lo na cidade. Essa circunstância é capaz de exemplificar a abundância de informações, pessoas e signos que permeiam uma metrópole comunicacional. Comprova também o fato de que o excesso de fluxos, muitas vezes, é capaz de produzir determinada cegueira, fazendo com que o indivíduo esteja sempre “de passagem” pela cidade.



Figura 3: Mariana ao perceber que era ela própria na vitrine (1h06m15s).

Em certa parte do filme, Mariana, que exerce a profissão de vitrinista, reflete em torno da questão de encontrar sua própria imagem no espaço destinado a manequins. A situação traz à tona a ubiquidade da mídia na cidade da era virtual, pois não só os complexos arquitetônicos são passíveis de midiatização, mas as pessoas também, como destaca McQuire: “numa era na qual a mídia se tornou móvel, ubíqua e

personalizada, tecnologia e pessoa se fundiram, e essa fusão está rapidamente se naturalizando” (2011, p. 204). Inserida em um contexto metropolitano comunicacional, a personagem se vê como um manequim, ou seja, um mero objeto, senão uma tela midiática, disponível à exposição.

Os corpos metropolitanos são corpos comunicacionais em que a tecnologia é somatizada segundo procedimentos irregulares, sicréticos, mutóides [que tendem a mudar]. A nova metrópole somatiza a tecnocomunicação e difunde em seus fluxos itinerantes. Basta abrir os poros do próprio corpo e os fluxos entram por qualquer múltipla sensorialidade (CANEVACCI, 2004, p. 112).

Logo, na era virtual, o próprio indivíduo transita, participa e constitui os complexos midiático-arquitetônicos. Mariana, ao se enxergar como uma tela produtora de mídia, coloca-se diante das fronteiras ilimitadas dos espaços relacionais, pois, estar na vitrine, para ela, é não estar dentro nem fora, mas em um espaço abstrato (MEDIANERAS, 2011). Nesse caso, pode-se considerar a vitrine como um lugar capaz de potencializar o caráter midiático e virtual do homem em sua condição contemporânea.



Figura 4: Martín e Mariana conversam pessoalmente pela primeira vez (1h20m03s).

Enquanto Martín e Mariana conversam através de um bate-papo *online*, a eletricidade de suas casas desaparece. Como os dois são praticamente vizinhos, poucos minutos depois acabam se encontrando em uma loja onde vende velas. Obviamente, não se reconhecem, pois, além de estar escuro, não conhecem um ao outro cara a cara. A cena levanta uma indagação a respeito do comportamento das personagens diante as



tecnologias digitais de informação, uma vez que, de forma explícita, o encontro pessoal entre os dois foi possibilitado somente pela queda de energia.



Figura 5: Mariana e Martín, à direita, cruzam na rua, mas não se veem (49m43s).

A ocasião descrita na legenda da imagem da “Figura 5” repete-se algumas vezes durante o longa, e Buenos Aires, nesses casos, aparece como protagonista, pois é clara a reconfiguração do espaço citadino em um espaço relacional capaz de afetar o comportamento dos sujeitos inseridos no contexto de uma metrópole comunicacional. Concomitante às múltiplas conexões que esse processo de organização social pode proporcionar, muitas desconexões surgem. É o caso, por exemplo, de Martín e Mariana na “Figura 5”.

### **Considerações finais**

Nessa perspectiva, a metrópole comunicacional e o espaço relacional são expressões de uma mesma organização espaço-temporal que se somam e sintetizam a ordem dos processos de socialização na era virtual. A ubiquidade da mídia e a virtualização dos espaços, encadeamento vigente nessa metrópole, ao desestabilizar o espaço de lugar, promove um realinhamento no atual conjunto espacial fazendo que novos arranjos organizacionais se estabeleçam.

A arquitetura, por sua vez, agregada a complexos midiáticos, alcança um estatuto arquitetônico-comportamental (CANEVACCI, 2011), o qual é facilmente afetado e transformado pelos indivíduos.

Com o apoio de máquinas informacionais, o movimento socioespacial do indivíduo recebe um novo sentido com a mobilidade virtualizada (LEMOS, 2009). Estar



apenas “de passagem” e em diversos lugares simultaneamente é o que rege os fluxos comunicacionais contemporâneos.

### **Referências**

AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES DE, Dênis. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CANEVACCI, Massimo. MetrÓpole comunicacional. *USP*, São Paulo, n. 63, p. 110-125, set./nov. 2004.

CASTELLS, Manuel. O espaço de fluxos. In:\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 403-452.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In:\_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2010, p. 219-226.

LEMONS, André. Cultura da mobilidade. **Famecos**, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, dez. 2009.

MCQUIRE, Scott. A Casa Estranhada. Tradução de Matheus Santos e André Keiji. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 196-232, 2011.

### **Filmografia**

TARETTO, Gustavo. **Medianeras**. Argentina, 2011.